

COSMOVISÃO E ETNOCONSERVAÇÃO NOS MANGUEZAIS DO MUNICÍPIO DE CONDE, LITORAL NORTE DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL

Henrique Fernandes de Magalhães¹, Eraldo Medeiros Costa Neto² e Alexandre Schiavetti³

¹Mestre em Zoologia. Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz. Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16, Bairro Salobrinho CEP 45662-900. Ilhéus-Bahia, Brasil.

²Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana. Avenida Transnordestina, S/N Bairro: Novo Horizonte CEP: 44.036-900 Feira de Santana – Bahia, Brasil.

³Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Universidade Estadual de Santa Cruz. Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16, Bairro Salobrinho CEP 45662-900. Ilhéus-Bahia, Brasil

Correio: eraldont@hotmail.com

RESUMO

Manifestações culturais, em muitos momentos, encontram-se associadas a ecossistemas e, portanto, inseridas na cosmologia de diversas comunidades tradicionais que deles sobrevivem. A partir da união entre essas representações e o conhecimento empírico acumulado se desenvolvem os sistemas tradicionais de manejo, fenômeno este evidenciado também em áreas de manguezais, florestas tropicais e subtropicais estuarinas inundadas de grande relevância sócio-econômica e cultural para populações que sobrevivem diretamente de seus recursos. Na interação do ser humano com a natureza, destaca-se o sistema de crenças local, que deve ser levado em consideração em estudo de manejo e conservação dos recursos naturais. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de setembro de 2007 a outubro de 2008, e os meses de fevereiro, maio e dezembro de 2009, quando foram realizadas visitas mensais à sete comunidades pesqueiras localizadas no litoral norte do Estado da Bahia. Os dados foram obtidos mediante consentimento informado por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas, ocorridas em contextos variados e contando com a participação de 57 indivíduos, 48 homens e 9 mulheres, entre 10 e 78 anos. Os dados etnográficos foram analisados qualitativamente, considerando-se todas as informações citadas pelos sujeitos entrevistados. No universo cosmológico desses entrevistados, evidenciou-se a crença em três entidades sobrenaturais: Vó da Lua, Caipora e Zumbi. Todos, segundo depoimentos coletados, desempenhariam um papel conservacionista ao expulsarem do mangue pessoas que exploram seus recursos de maneira irracional, preservando-o. Percebe-se, de fato, que o sistema de crenças associado à cosmologia local desempenha papel regulador na dinâmica do ecossistema, devendo, pois, ser utilizado na elaboração de sistemas de manejo tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE:

comunidades tradicionais, conhecimento empírico, cultura pesqueira

COSMOVISION AND ETHNOCONSERVATION IN MANGROVES FROM THE MUNICIPALITY OF CONDE, NORTH COAST OF BAHIA STATE, BRAZIL.

ABSTRACT:

Cultural manifestations, in many instances, are associated with ecosystems and therefore are inserted in the cosmology of many traditional communities that depend upon them. From the union among these representations and the

empirical knowledge accumulated over years traditional management, systems have developed. This is a phenomenon also shown in mangroves, which are tropical and subtropical estuarine flooded areas with highly social and economic relevant and local peoples that survive directly from native resources. In human-nature interactions, the local belief system is to be discussed and taken into consideration in studies focusing on management and conservation of natural resources. The fieldwork was conducted among the months of September 2007 to October 2008, and the months of February, May and December 2009, when the seven monthly fishing communities located on the northern coast of Bahia visits were made. Data were collected taking into account a previous informed consent by means of open-ended interviews with the participation of 57 individuals, 48 men and 9 women, ranging from 10 to 78 years old. The ethnographic data were analyzed qualitatively, considering all the information cited by interviewees. In the cosmological universe of those respondents, it is evident the belief in three supernatural entities: *Vó da Lua*, *Caipora* and the *Zumbi*. These entities, according to testimonies collected, would play a role on mangrove conservation to expel people who exploit their resources irrationally, preserving it. It is clear, then, that the belief system associated to local cosmology plays a regulatory role in ecosystem dynamics and should therefore be used in the planning of traditional management systems.

KEY WORDS:

traditional communities, empirical knowledge, fishing culture

INTRODUÇÃO

O Brasil, sendo um país amalgamado por elementos da cultura europeia, indígena e africana (além da asiática), apresenta uma notável diversidade de mitos e de representações (Edeweiss, 1993). Essas manifestações, em muitos momentos, estão diretamente associadas a ecossistemas e, portanto, inseridas na cosmovisão de comunidades tradicionais que neles/deles sobrevivem. Como explica Cano-Contreras (2009, p. 54), "A conformação da cosmovisão como complexo conceitual implica a integração dos distintos níveis que interferem nas formas de explicar o mundo e as coisas que existem nele, abarcando tanto sua origem e funcionamento, como os mecanismos de perpetuação do cosmos e a dinâmica das relações estabelecidas entre os distintos seres (tangíveis e intangíveis) que o integram".

A Constituição Federal define povos e comunidades tradicionais como "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição" (Brasil, 2007). Partindo-se dessa premissa, o manejo dos recursos bióticos e abióticos está diretamente relacionado com mitos, lendas, regras, valores e conhecimentos, que definem a maneira e período como tais recursos serão utilizados. Conforme Cultimar (2008), a cosmovisão, enquanto conjunto de mitos e

relatos da origem de um povo que explicam as concepções locais sobre a conformação do cosmo e do próprio ser humano, deve ser considerada em estudos que tratam das atitudes dos seres humanos frente ao meio ambiente e seus elementos de entidades físicas e não-físicas (seres sobrenaturais).

Os sistemas tradicionais de manejo se desenvolvem a partir da união entre as referidas representações e o conhecimento empírico acumulado ao longo do tempo (Diegues, 1994), fenômeno este que pode ser evidenciado entre comunidades pesqueiras em áreas de manguezais, florestas tropicais e subtropicais inundadas estuarinas (Hutchings e Saenger, 1987; Ricklefs e Latham, 1993; United Nations Environment Programme, 1995), de grande relevância socioeconômica e cultural para populações que sobrevivem diretamente de seus recursos. Daí a importância da implementação de ações conservacionistas verdadeiramente eficazes nessas regiões.

O termo "etnoconservação" surge a partir da perspectiva de que, diferentemente do uso desordenado que a sociedade industrializada vem fazendo dos recursos naturais, grande parte dos povos tradicionais seguem utilizando-os de forma mais racional, sem colocá-los em risco de esgotamento (Diegues, 2000). Dentre as práticas etnoconservacionistas, estão os tabus sociais, dentre os quais o sistema de crenças, que deve ser levado em consideração como elemento relevante a ser analisado na conservação de recursos naturais e ecossistemas (Colding e Folk, 1997, 2001; Begossi *et al.*, 2004; Pereira e Diegues, 2010). Anderson (1996) afirma

que, de fato, sociedades tradicionais utilizam a religião e as crenças locais para sancionar suas estratégias de manejo de recursos, o que tem se mostrado aparentemente um modelo de etnoconservação bem-sucedido.

Partindo-se do princípio de que os sistemas de crenças locais, associados principalmente a entidades míticas e sobrenaturais, constituem elementos de transmissão cultural de geração a geração em comunidades pesqueiras em áreas de manguezais, e de que a relação entre esses povos e o ecossistema é de dependência total ou parcial, principalmente econômica, o presente estudo visa registrar a cosmovisão de um grupo de pescadores artesanais do litoral norte do

Estado da Bahia, Nordeste do Brasil, associada aos manguezais como fator conservacionista dos mesmos.

MATERIAL E MÉTODOS.

A área de estudo está incluída no domínio da Área de Proteção Ambiental Litoral Norte, no município de Conde (Estado da Bahia, Brasil), mais precisamente na porção estuarina e costeira do baixo curso do Rio Itapicuru – 11°48'S, 37°37'O (Figura 1). O município faz limites com os municípios de Esplanada, Jandaíra e Rio Real e com o Oceano Atlântico. Apresenta um clima úmido a subúmido e úmido, uma temperatura média de 25,4°C, uma pluviosidade anual média



Figura 1. Localização do município de Conde e de algumas das principais comunidades pesqueiras estudadas. Adaptado de Costa Neto (2000).

de 1.412 mm e uma vegetação constituída de formações pioneiras com influência flúvio-marinha (mangue) arbórea, formações pioneiras com influência marinha (restinga) arbórea e contato cerrado-floresta estacional (Centro de Estatística e Informações, 1994).

Conhecida como o "Pantanal baiano", Conde comporta 40 quilômetros de praias, dunas, rios, brejos, lagoas e estuários, constituindo-se no que Blandin e Lamotte (1988) conceituam de ecocomplexo, ou seja, um conjunto de ecossistemas interligados (naturais ou modificados) que têm uma história ecológica e antrópica comum e que apresenta novas propriedades emergentes.

A economia do município baseia-se no comércio, prestação de serviços e extrativismo, com destaque para: indústrias de pequeno porte, tais como madeiras, perfumarias, sabões e velas, tecidos e produtos alimentares; culturas agrícolas, como coco, banana, mamão, limão, arroz, mandioca, tomate e milho; criação de gado bovino. As atividades de pesca do tipo artesanal sobressaem-se pelo fornecimento significativo de recursos pesqueiros, estando o segmento traduzido por duas atividades distintas: a pesca e a mariscagem (CEI, 1994).

O trabalho de campo foi realizado no período compreendido entre os meses de setembro de 2007 a outubro de 2008, e os meses de fevereiro, maio e dezembro de 2009, quando foram realizadas visitas mensais às comunidades de Siribinha, Poças, Sítio do Conde, Ilha das Ostras, Cobó, Buri e Sempre Viva.

Os dados foram obtidos mediante entrevistas abertas e semiestruturadas, baseadas em um roteiro temático. A técnica de turnê (Spradley e McCurdy, 1972) foi empregada, realizando-se excursões guiadas por pescadores artesanais às áreas nas quais exerciam a coleta de recursos pesqueiros. As entrevistas, individuais ou coletivas, ocorreram em contextos variados e contaram com a participação de 57 indivíduos, sendo 48 homens (84,2%) e 9 mulheres (15,8%), cujas idades variaram entre 10 e 78 anos. Trata-se de pescadores e pescadoras especialistas na coleta de aratus, caranguejos e siris (Crustacea), tendo sido contactados através da técnica bola-de-neve (Goodman, 1961), segundo a qual um especialista local indica outro e assim sucessivamente. As entrevistas foram registradas em gravadores digitais e, posteriormente, transcritas para análise dos dados. Os indivíduos tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando em participar do estudo.

Todo material etnográfico (gravações, transcrições, caderno de campo e fotografias) encontra-se guardado no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, aos cuidados do curador da seção Etnozoologia do Museu de Zoologia da UEFS.

Os dados etnográficos foram analisados qualitativamente, considerando-se todas as informações citadas pelos sujeitos entrevistados. Os controles foram feitos por meio de testes de verificação de consistência e de validade das respostas, recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a indivíduos diferentes em tempos bastante

Tabela 1. Principais entidades sobrenaturais associadas aos manguezais de Conde, conforme relatos de pescadores artesanais locais, bem como suas respectivas descrições e ações causadas nos "invasores" do ecossistema.

NOME DA ENTIDADE	DESCRIÇÃO	AÇÃO CAUSADA	CITAÇÃO LOCAL
Vó da Lua (Vovó do Mangue)	Aparições de pessoas já falecidas, cujos espíritos ainda vagam por entre os mangues.	Afungentam pessoas "invasores" do mangue.	"Quando fica uma certa hora que o povo sabe que a Vó da Lua aparece. Deus livre, ninguém vai" (Dona P., 67 anos).
Caipora	Ser cuja principal característica é a presença de um único pé invertido para trás.	Fazem as pessoas se perderem no manguezal.	"Não dá pra saber o que acontece, mas quando as pessoas se perde assim, de repente, é quase certeza que é a Caipora" (Seu A., 48 anos).
Zumbi	Ser alto, com o corpo humano coberto de pelos e a cabeça de canídeo, remontando à figura do lobisomem.	O seu uivo, muito agudo e sonoro, provocaria atordoamento nos "invasores" do manguezal, fazendo com esses se percam.	"É um grito, assim, fino e alto, que deixa todo mundo surdo. É um bicho feio que só. Num tem como não se perder" (Seu R., 66 anos).

próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida ao mesmo indivíduo em tempos distintos (Maranhão, 1975 apud Marques, 1991).

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Os habitantes das comunidades pesqueiras visitadas creem em pelo menos três entidades sobrenaturais: a Vó da Lua ou Vovó do Mangue, a Caipora e o Zumbi (Tabela 1). Na concepção de alguns dos sujeitos entrevistados, a existência desses seres míticos estaria diretamente relacionada à conservação e preservação dos manguezais e dos recursos naturais a eles relacionados, o que pode ser evidenciado nos depoimentos abaixo:

"Algumas pessoas acreditam que existe a Caipora ou a Vó da Lua, que protege o mangue" (Seu R., 66 anos).

"O povo diz que quando o povo entra no mangue pra cortar madeira e pescar sem permissão, aí esses bicho aparece: a Vó da Lua, a Caipora. Aí o sujeito fica com medo, desaparece e o mangue fica mais protegido" (Dona F., 71 anos).

A Vó da Lua foi a entidade mais mencionada nas entrevistas – 39 participantes (68,4%), do total de entrevistados – e constitui, segundo relatos coletados, a "visagens", que correspondem a aparições de pessoas já falecidas, cujos espíritos ainda vagam por entre os mangues. Percebeu-se, por meio dos relatos, uma certa divisão de opinião nas comunidades pesqueiras entre aquelas pessoas que acreditam e aquelas que não acreditam. Algumas pessoas não só acreditam, como também viram tais "visagens", conforme o depoimento abaixo.

"O pessoal fala de visagens, né? Aliás, pra dizer que eu nunca vi, eu só vi uma vez. Aliás, eu nem sei se foi. Foi numa manhã de sábado. Eu tinha costume de todo sábado sair pra cortar lenha. Minha mulher sempre reclamava. Aí quando foi num dia ela saiu pra feira, e eu peguei meu machado e fui. Fui bem longe. Quando eu encostei o barco, vi de longe aquela criatura. Tava sentada, toda de branco, com veu e tudo. Sentei também, olhei e, também, não fiz mais nada. Peguei o barco, meu machado e me mandei [...]. Depois disso, nunca mais tirei lenha naquele lugar" (Seu E. V., 67 anos).

Marques (2001), além de ter registrado as "visagens" no universo mitológico da Várzea da Marituba (AL), discorre sobre a possível eficácia do papel regulador ecológico destes componentes, uma vez que poderiam atuar como "míticos protetores" de recursos, o que também foi evidenciado por Souto (2004), na comunidade pesqueira de

Acupe, Santo Amaro (BA). Em Conde, essa percepção foi evidenciada regularmente entre aqueles que crêem, ou pelo menos não duvidam, na existência desses seres ("Quem tem medo dessas coisa pelo menos num derruba os mangue, nem suja, né? É bom que protege mais", Dona P., 67 anos). Dessa maneira, a crença nas entidades sobrenaturais, muitas com status de sagradas, funcionam na proteção conservação dos recursos locais, como enunciado por Cano-Contreras (2009, p. 63):

"Uno de los aspectos más notables de las concepciones cosmológicas respecto a la caza tradicional, es la presencia –con mayor frecuencia en culturas donde la caza y la pesca forman parte de los medios de subsistencia– de personajes sagrados o mitológicos considerados "protectores" o "dueños" de la fauna, a quienes se debe "pedir permiso" antes de realizar la extracción. Se trata de la creencia de un espíritu al que los animales le pertenecen y deben su conservación y reproducción, el llamado "Señor de los animales", uno de los arquetipos más antiguos de seres sobrenaturales. Este puede presentarse con forma masculina o femenina, antropomorfa o animalomorfa y concebirse en singular o en plural. De tal suerte, las acciones destinadas a obtener su aprobación e, incluso, su ayuda en la cacería, son uno de los conocimientos fundamentales para formar parte de la sociedad. En muchas ocasiones, existen ritos de paso de la pubertad entre varones, enmarcados en el aprendizaje y realización prístina de dichos rituales, así como de la misma actividad de la caza. Así, la trasgresión de tales preceptos significa una ruptura grave del orden cósmico –y por tanto, social–, con serias repercusiones para la persona que la cometió, su familia e, inclusive, para toda la comunidad, tales como enfermedades o accidentes".

Por outro lado, um outro grupo de pessoas entrevistadas não acredita e ainda desdenha daquelas que afirmam crer nas entidades. No entanto, depoimentos, conforme os redigidos abaixo, evidenciam um relativismo nessa descrença, demonstrando que a incredulidade e o temor muitas vezes caminham juntos.

"Eu não acredito não. Já ouvi falar antes, mas não acredito não. Eu mesmo ando direto no mangue e nunca me perdi. Muita gente se perde, aí dizem que é por causa da Vovó do Mangue, dessas coisas aí, mas eu mesmo num acredito não" (Dona A., 57 anos).

"Cabra, é o seguinte: eu num acredito nessas coisas não. Mas vá que acontece de eu entrar no mangue e

me perder mesmo. É melhor num brincar com essas coisas, né?" (Seu B., 34 anos).

Tanto a Caipora como o Zumbi são seres míticos bastante temidos, principalmente por pescadores e marisqueiras que trabalham dentro do mangue. O fato pode ser explicado pela suposta ação da entidade sobrenatural em fazer as pessoas se desorientarem e perderem o caminho de volta ("Já teve caso de gente que foi pro mangue e num voltou mais. Diz que foi a tal da Caipora. Tem também o tal de Zumbi", Seu A. A., 73 anos). A relação entre a ação atribuída e o fato do mangue ser um ambiente de difícil orientação espacial, certamente influenciou para a expansão da crenças entidades e de sua permanência no ideário coletivo local.

Historicamente, a Caipora é uma personagem mitológica de origem ameríndia, considerada como protetora dos animais da mata e inimiga dos caçadores (Edeweiss, 1993). Conforme depoimentos coletados entre pescadores artesanais de Conde, a Caipora parece remontar a um ser que apresenta um único pé em ordem invertida, uma espécie de Saci ("Uma vez eu me perdi no mangue e quando vi, tinha um rastro de um pé só virado para trás. O Zumbi num era, só podia ser a Caipora", Seu R., 66 anos). Conforme Edeweiss (1993), essa entidade também pode ser identificada conforme algumas mitologias locais como um pequeno índio que apresenta os pés invertidos para trás, uma espécie de versão do mito do Curupira, comum na região da Amazônia.

Em relação ao Zumbi, a julgar pelas descrições evidenciadas ("Quando eu vi, era um bicho muito alto, muito peludo, tinha pelo em tudo que era canto. Tinha corpo de gente, e cabeça de cachorro. Parecia um lobisome mesmo", Seu I., 44 anos), parece remontar à figura do lobisome, lenda enraizada na mitologia grega. O uivo do Zumbi, muito agudo e sonoro, provocaria atordoamento nos "invasores" do mangue, fazendo com esses se perdessem ("De noite a gente as vez ouve. É um ruído muito forte. Se nós fica tonto de ouvir, imagine quem tá lá?", Dona L., 65 anos).

Entre os pescadores artesanais e marisqueiras de Conde, permeia a crença na inesgotabilidade dos recursos pesqueiros, apesar da competição causada pelo crescimento progressivo do número de pescadores ("Cresce a população humana, cresce o descontrole", Seu R., 66 anos). Tal fator é atribuído, principalmente, à intervenção divina, o que pode ser evidenciado nos seguintes depoimentos:

"Olha, o que é de Deus não se acaba. Diminui um pouco, mas não acaba" (Seu E. V., 75 anos).

"Rapaz, o que atrapalha hoje é porque a população cresceu. A população cresceu e é muita gente que colhe esses mariscos, né? Aí por isso a gente acha mais difícil [...] mas o que é de Deus num se acaba, né?" (Seu N., 44 anos).

Percebe-se que a religiosidade presente no cotidiano dos pescadores e marisqueiras, associada a dependência que estes têm do manguezal e à falta de alternativa, presumindo-se um suposto esgotamento dos recursos, determinam uma condição propícia ao estabelecimento e manutenção desse pensamento. A princípio, tal crença confirmaria a teoria da "Tragédia dos Comuns" de Hardin (1968), uma vez que, uma aparentemente "ingênuo" percepção em relação ao esgotamento dos recursos evidenciada em depoimentos dos entrevistados desencadearia em uma escassez cada vez maior dos mesmos. No entanto, esta percepção não serve de parâmetro para o estabelecimento das conexões estabelecidas entre a comunidade e o ecossistema manguezal, uma vez que fatores culturais acabam inferindo nessa relação (Berkes, 1985; Fenny *et al.*, 2001; Burke, 2001; Diegues, 2001; Souto, 2004; Martins, 2008). Dentre estes, pode-se destacar: a percepção da importância do manguezal para a própria comunidade, os cuidados tomados em várias modalidades de exploração, a preocupação com a situação atual dos recursos e os anseios de ordenamento da pesca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As percepções locais acerca da crença nas entidades sobrenaturais associadas aos mangues oscilam entre aqueles que dizem não acreditarem na existência de tais seres e os que não somente creem, como afirmam já terem vivido algum tipo de experiência com esses elementos sobrenaturais. De um modo geral, a crença na existência da Vovó do mangue, da Caipora e do Zumbi faz com que haja certo respeito por parte dos pescadores e marisqueiras do município do Conde com relação à entrada no ecossistema manguezal e nas atividades extrativistas, uma vez que tais entidades funcionam como agentes protetoristas do ambiente e atuam contra os excessos cometidos por aqueles que adentram nos estuários. O temor em relação a esses seres míticos poderia ser traduzido como uma relação de respeito e reverência ao próprio ecossistema manguezal.

Percebe-se, assim, que o sistema de crenças associado à cosmovisão das comunidades pesqueiras no município de Conde desempenha papel regulador na dinâmica do ecossistema, devendo, pois, ser utilizado na elaboração de sistemas de manejo tradicionais.

LITERATURA CITADA.

- Anderson, E. N. 1996. *Ecology of the heart: emotion, belief, and the environment*. Oxford University Press, Oxford.
- Begossi, A., N. Hanazakil e R. M. Ramos. 2004. Food chain and the reasons for fish food taboos among Amazonian and Atlantic Forest fishers (Brazil). *Ecological Applications* 14: 1334-1343.
- Berkes, F. 1985. Fishermen and "The Tragedy of the Commons". *Environment Conservation* 12: 199-206.
- Blandin, P. e M. Lamotte. 1988. Recherche d'une entité écologique correspondant à l'étude des paysages: la notion d'écocomplexe. *Bulletin écologique* 19: 547-555
- Brasil. 2007. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília-DF.
- Burke, B. E. 2001. Hardin revisited: a critical look at perception and the logic of the commons. *Human Ecology* 29: 449-476.
- Cano-Contreras, E. J. 2009. El papel de la cosmovisión en el conocimiento etnozoológico. In: Costa Neto, E. M., Vargas-Clavijo, M. e D. Santos-Fita. (Orgs.). *Manual de Etnozoología. Una guía teórico-práctica para investigar la interconexión del ser humano con los animales*. Tundra Ediciones, Valencia.
- Centro de Estatísticas e Informação. 1994. *Informações básicas dos municípios baianos: região litoral norte*. Governo do Estado da Bahia, Salvador.
- Colding, J. e C. Folk. 1997. The relations among threatened species, their protections and taboos. *Conservation Ecology* 1: 1-19.
- Colding, J. e C. Folk. 2001. Social taboos: "invisible" systems of local resource management and biological conservation. *Ecological Applications* 11: 584-600.
- Costa Neto, E. M. 2000. Restrições e preferências alimentares em comunidades de pescadores do município de Conde, Estado da Bahia, Brasil. *Revista de Nutrição* 13: 117-126.
- Cultimar. 2008. *Recursos naturais na vida caiçara*. Curitiba: Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais. Universidade Federal do Paraná.
- Diegues, A. C. S. 1994. O mito moderno da natureza intocada. NEPAUB/USP, São Paulo.
- Diegues, A. C. S. 2000. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: Diegues, A.C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. HUCITEC/NUPAUB, São Paulo.
- Diegues, A. C. S. 2001. *Ecologia humana e planejamento costeiro*. 2ª ed. NUPAUB/USP, São Paulo.
- Edeweiss, F. 1993. *Apontamentos de folclore*. Centro Editorial e Didático da UFBA, Salvador.
- Fenny, D., F. Berkes, B. J. McCay e J. M. Achenson. 2001. A tragédia dos comuns: vinte e dois anos depois. In: Diegues, A. C. e A. C. Moreira (Orgs.). *Espaços naturais de uso comum*. NUPAUB/USP, São Paulo.
- Goodman, L. A. 1961. Amostragem bola de neve. *Annals of Mathematical Statistics* 32:148-170.
- Hardin, G. 1968. The tragedy of the commons. *Science* 162: 1243-1248.
- Hutchings, P. e P. Saenger. 1987. *Ecology of mangroves*. University of Queensland Press, Queensland.
- Marques, J. G. W. 1991. *Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas*. Tese de Doutorado (Ecologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- Marques, J. G. W. 2001. *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. 2. ed. NUPAUB/Fundação Ford, São Paulo.
- Martins, V. S. 2008. *Uma abordagem etnoecológica abrangente da pesca de polvos (Octopus spp.) na comunidade de Coroa Vermelha (Santa Cruz Cabralia, Bahia)*. Tese de Mestrado (Sistemas Aquáticos Tropicais). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil.
- Pereira, B. E. e A. C. S. Diegues. 2010. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 22: 37-50, Editora UFPR.
- Ricklefs, R. S. e R. E. Latham. 1993. *Global patterns of diversity in mangrove floras*. In: Ricklefs, R. E. e Schluter, D. (Eds.). *Species diversity in ecological communities, historical and geographical perspective*. The University of Chicago Press, Chicago.
- Souto, F. J. B. 2004. *A ciência que veio da lama: uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro-BA*. Tese de Doutorado (Ecologia e Recursos Naturais), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.
- Spradley, J. P. e D. W. McCurdy. 1972. *The cultural experience: ethnography in complex society*. Kingsport Press of Kingsport, Tennessee.
- United Nations Environment Programme. 1995. *Global biodiversity assessment*. Cambridge University Press, Cambridge.